



Izaura Garcia parece dizer ao moço Caymmi: "canta, como você sabe, miserável!"

DORIVAL CA YMMI: **A JANGADA VOLTOU SÓ?**

Texto de ISA SILVEIRA LEAL

Fotos de IVO BARRETTI

Não foi um Itá que Dorival tomou para descer na Guanabara foi a jangada de sua inspiração. O vento lhe foi favorável na viagem, porque Dorival conhecia o jeito brando de invocar essa meia divindade dos pescadores. E Janaina ajudou a pacificar as ondas que o trouxeram, porque amava o moço de olhar profundo como a lagoa de Abaeté...

Mas foi um mal, e agora Janaina deve ter consciência disso. Para que trazer o moço, criado na areia branca, que sabia olhar o coqueiro que osciava, e dessa oscilação extrair o ritmo para uma melodia imortal? Para que foi que ela mesma, a protetora de todos que amam o mar, consentiu em deixar o trovador na crueldade sombria do asfalto? Não imaginou que isso ia alterar a própria essência de quem tinha nascido para cantar, e somente para cantar a sua terra colorida de saveiros e de torsos de bablanas?

Sem dúvida, agora o moço Caymmi frequenta um meio em que se pensa em música, em que se leva a sério o desejo de produzir boa arte. Dorival, segundo ele mesmo conta, tem no momento um círculo de bons amigos, alguns

muíto talentosos: Hugo Lima, Carlos Guinle, Alberto Lee, Jacques Klein, este pianista de valor.

Mas o meio em que vive é que está fundamentalmente errado. E' das coisas mais profundas, mais simples da humanidade que se alimenta a inspiração de um grande artista como Dorival Caymmi. A longa e eternamente repetida espera das mulheres dos pescadores, o heroísmo quase inconsciente dos homens da beira do mar. O medo — dono da alma humana desde o início da vida — criando abusões, crendices e beleza. A infâmia, que tem inspirado canções de ninar admiráveis através de todas as épocas.

Não é no ambiente artificial de uma boite que se criam coisas como "E' doce morrer no mar..." E', sim, junto dos homens que ignoram a malícia, e das mulheres que não são sofisticadas. E' andando pelas ruas de areia, dormindo em casas cobertas de palha, vendo as mulheres em farrapos no estoicismo da espera dos filhos que virão, dos maridos que elas nunca sabem se voltarão...

Janaina já deve estar convencida disto. Foi com certeza seu amor que inspirou uma frase como esta: "O mar, quando canta na praia, é bonito, é bonito..." Singeleza, nostalgia, e poesia. Nem uma palavra a mais, nem uma nota a menos. A melodia e as palavras parecem beijar-se, tão harmoniosas são.

E agora? Agora, o moço cujo cabelo de azeviche se enriquece tão lindamente de prata, escreve ou musica frases em que o aço dos arranha-céus parece ter posto a sua frieza: "Não tem solução..." "Convem a nós..." Frases que sugerem mais uma conversa de negócios em que se debate muito dinheiro, do que um apelo supremo de amor, do que um irrevogável adeus, ou uma doce rendição...

Não, não valeu a pena ter apaziguado as ondas do mar, e Janaina paga caro seu erro. Que é que tinha a cidade grande para dar ao trovador, além do que ele já tinha? Que vale mais, no mundo, do que a capacidade de sentir e amar a criatura humana? Que é que tem mais importância, para um poeta, do que irmanar-se na essência das coisas e dos seres?

Nada do que o moço Caymmi encontrou na capital: sucesso, dinheiro, vida social, nada vale o que ele já trazia no coração.

E agora, Janaina deve torcer de desespero as lindas mãos vasias. E quem quer que passe por Itapoan, não acredita que seja o mesmo ronco do mar que produz aquele som cavo que deu nome à praia. Não, agora é Janaina que chora seu amado, porque ele a abandonou por uma serela de Copacabana...

Caymmi, por favor, não se transforme! Continue aquele mesmo poeta que já estávamos acostumados a admirar...

